

EXPERIÊNCIA DO ESTÁGIO CURRICULAR OBRIGATÓRIO NO ENSINO REMOTO: A LEITURA NA OBSERVAÇÃO E NA REGÊNCIA

Fernando Morais Santana

RESUMO: O objetivo deste trabalho é apontar as situações vividas durante o Estágio Curricular Obrigatório no ensino remoto, destacando algumas particularidades subjetivas para a comparação entre a etapa de observação e a etapa de regência realizadas no 6º ano do Colégio de Aplicação Pedagógica da UEL – Professor José Aloisio Aragão. A partir das particularidades do ensino remoto – realizado pelo *Google Meet* –, como a participação por voz, texto no chat, uso da câmera etc., analisam-se questões como interação dos alunos, realização de atividades síncronas (ou assíncronas pelo *Classroom*) e, mais detidamente, o trabalho com a leitura. Para abordar mais a fundo a questão da leitura, os teóricos Freire (2011) e Pennac (1993) se fazem necessários pelas reflexões a respeito do ato de “ler” e pela abordagem da leitura de modo mais amplo e além das palavras. Considera-se o tema essencial para a pauta da educação, justamente pelo seu propósito de analisar e debater um problema atual do ensino.

PALAVRAS-CHAVE: Estágio; Ensino Remoto; Leitura.

1. Introdução

O estágio é um dos momentos da graduação em que o graduando pode executar as teorias que foram discutidas durante a formação acadêmica. Neste trabalho, as discussões estão direcionadas ao compartilhamento da experiência do Estágio Curricular Obrigatório, tanto na etapa de observação, quanto na etapa de regência especificamente, com alunos do sexto ano do ensino fundamental II do Colégio de Aplicação Pedagógica da UEL – Professor José Aloisio Aragão. Tanto a observação quanto a regência foram realizadas juntamente com meu companheiro de estágio, apenas o artigo e a apresentação oral do evento ESTAGIAR foram desenvolvidos separadamente.

A metodologia aplicada no desenvolvimento deste trabalho visa organizar uma experiência subjetiva em relação ao estágio no ensino remoto como forma de reflexão e compartilhamento do trabalho com a leitura nas escolas. Para isso, se faz necessário observar o contexto atual do ensino, em relação pandemia e ao ensino remoto, além de buscar embasamento teórico para enriquecer os comentários em relação à observação e à regência.

2. Leitura

É comum estar constantemente ligado a alguma forma de leitura, seja uma placa, um anúncio publicitário, algum texto de alguma rede social ou, até mesmo, a leitura que nós fazemos do mundo (FREIRE, 2011). Os jovens leem e se descobrem durante a leitura, os alunos de um sexto ano do ensino fundamental II já possuem a sua bagagem de leitura e esse universo não pode ser desconsiderado, tem que haver a ideia de trocas de aprendizagem. Paulo Freire (2011) comenta sobre a leitura de mundo que cada um vai formando desde a infância e isso deve ir se adequando às que serão apresentadas pelos professores em sala de aula no futuro. “A leitura do mundo precede a da palavra [...]” (FREIRE, 2011; p. 19).

Pennac (1993; p. 13) salienta que “o verbo ler não suporta o imperativo” (leia), e compara esse com o verbo “amar” no imperativo – no caso: “ame” – mostrando que a obrigação/imposição da leitura por meio de uma repressão pode acabar assustando ou afastando o leitor, dessa forma, diminuindo o interesse dele pela leitura. Assim como o amor não funciona simplesmente pela ordem: “me ame!”, a leitura – na visão do autor – não frui sem cultivo, o leitor precisa ser instigado para que ocorra o desenvolvimento do interesse e da curiosidade.

Na visão de Pennac (1993), já que há a possibilidade de os estudantes recusarem a leitura, os educadores não devem deixar de apresentar e incentivar o contato com esse universo. Essa execução da leitura deve ser pensada para que os alunos a realizem com imersão, vontade e prazer. Isso pode começar com a experimentação de tipos diferentes de leitura, de gêneros textuais diversificados etc., e não se pode perder leitores pelo “não contato” com a leitura, pois muitos aproveitam desse “direito de não ler” (PENNAC, 1993; p. 139) e nem se dão ao trabalho de tentar uma aproximação. O autor ainda afirma que:

O dever de educar consiste, no fundo, no ensinar as crianças a ler, iniciando-as na Literatura, fornecendo-lhes meios de julgar livremente se elas sentem ou não a ‘necessidade de livros’. Porque, se podemos admitir que um indivíduo rejeite a leitura, é intolerável que ele seja rejeitado por ela. (PENNAC, 1993; p. 145).

Então, como Pennac (1993) destaca, fica como papel do professor incentivar o envolvimento do aluno com a leitura. É interessante construir isso coletivamente para acontecer também individualmente. Atualmente, fora das escolas, temos a existência de grupos de leituras

que acontecem por meio das redes sociais, algo mais próximo à realidade dos jovens estudantes atuais. Isso nos mostra que, na nossa realidade pandêmica atual, o trabalho com a experiência de leitura compartilhada não é impossível. Por isso é importante despertar o interesse dos alunos pela leitura, valorizando-a como um processo de evolução que pode ser desenvolvido com prática e tempo. É claro que sem querer substituir as outras mídias (digitais), pois, na nossa realidade atual, elas devem ser nossas aliadas e não as vilãs.

3. Ensino remoto

Assim como os demais países do mundo, o Brasil enfrenta grandes problemas causados pela pandemia do COVID-19. Em nosso contexto atual, as aulas na maioria das escolas dos estados brasileiros estão acontecendo de forma remota. Essa transposição do ensino presencial para o ensino remoto acarreta mudanças significativas no desenvolvimento de ensino e aprendizagem (CUNHA; SILVA; SILVA, 2020).

Muitas dessas mudanças e complicações geradas pela pandemia estão ligadas ao uso dos meios tecnológicos, como celulares, computadores etc. para a educação. Existem alunos que não possuem acesso a esses recursos ou que são obrigados a dividir os aparelhos com outros membros do lar. Além disso, muitos dos alunos mais novos encontram dificuldades na realização das atividades online, porque, de acordo com Cunha, Souza Silva e Pereira da Silva (2020), muitos pais e responsáveis não possuem tempo nem instrução para auxiliar os alunos – de forma presente – nas atividades escolares.

Aos estudantes dos Anos iniciais do Ensino Fundamental, a orientação foi que, em razão das dificuldades para acompanhar e realizar atividades on-line, torna-se indispensável a supervisão e mediação de um adulto nesse processo.” (CUNHA; SILVA; SILVA; 2020; p. 29).

A literatura digitalizada ajudou muito durante esse período pandêmico, justamente pela facilitação do acesso aos materiais. Muitos livros, que estão sob domínio público, são disponibilizados na internet para *download*. Nem todos podem adquirir livros, seja por questões financeiras ou, até mesmo, de acessibilidade. Então, dessa forma, a literatura digitalizada acaba democratizando o acesso à leitura.

Há uma confusão a respeito da literatura digital ou literatura digitalizada, porém Spalding (2016) explica que literatura digital é propriamente desse universo digital, ou seja, feita e pensada para existir nesse ambiente, já a literatura digitalizada é a tradicional só que adaptada para o ambiente digital. Chamar literatura digitalizada de literatura digital, de acordo com Spalding (2016), é o mesmo que chamar o teatro filmado de cinema.

4. A etapa de observação

Durante a etapa de observação do Estágio Curricular Obrigatório pode-se notar algumas questões a respeito dos alunos e do trabalho com leitura. Os alunos já haviam lido o livro *O menino do dedo verde* (1957), do escritor francês Maurice Druon. Eles leram também, durante a etapa de observação, *Malala, a menina que queria ir para a escola* (2015), de Adriana Carranca, com ilustrações de Bruna Assis Brasil.

O livro da jornalista Adriana Carranca é uma recriação mais suave da história de Malala em relação ao livro biográfico *Eu sou Malala: A história da garota que defendeu o direito à educação e foi baleada pelo Talibã*, todavia, sem ser menos importante, impactante e reflexivo para que os alunos pudessem estabelecer um pensamento crítico-social e conhecer aspectos regionais e culturais de outros países. Ambos os livros abordam as questões sobre a vida de Malala, uma menina que sofreu um atentado ao tentar estudar, entretanto, o livro de Carranca é numa perspectiva em terceira pessoa.

Os alunos leram o livro e durante o tempo de leitura, nas aulas, acabavam contando um pouco da experiência. Por fim, a avaliação da leitura foi realizada por meio de um vídeo que os alunos gravaram se apresentando e, em forma de uma conversa com a Malala, pautaram-se em duas questões principais. A primeira era “quais conhecimentos você adquiriu com a leitura do livro?” e a segunda “a história da vida de Malala o/a fez refletir sobre sua própria vida (cultura, crenças, relação com o estudo, família etc.)?”. A professora regente tentou contato com a assessoria de Malala para compartilhar os melhores vídeos, o que acabou os incentivando os alunos a gravar e a ler.

O trabalho com o gênero notícia aconteceu por meio da interpretação das notícias lidas e da análise linguística do gênero, como, por exemplo, a composição estrutural (manchete, linha fina, lide etc.). Uma das atividades com esse gênero era de pesquisa, os alunos tiveram a

liberdade de escolher uma notícia no jornal online JOCA (<https://www.jornaljoca.com.br/>) para compreender melhor a funcionalidade de uma notícia.

A professora regente comumente deixa sugestões de leituras para os alunos lerem no tempo livre e também propõe desafios, como ler um livro e comentar com os colegas sobre a história e justificar se recomenda ou não. Houve um desafio de ler, decorar e recitar um classificado poético, algo bem interessante de assistir. Alguns alunos também fizeram um desafio de produzir um diário a partir do livro *Diário de um Banana: faça você mesmo* (2012), de Jeff Kinney, podendo imprimir e preencher, para depois compartilhar a experiência com os colegas de turma.

Esses trabalhos foram todos idealizados e pensados pela professora regente, não eram obrigatórios e não foram indicados pela Secretaria de Estado da Educação - PR (SEED). Esse percurso foi muito produtivo para os alunos, agregou ao desenvolvimento oral e escrito, além de estimulá-los a praticarem a leitura, dando sentidos e motivações.

5. A etapa de regência

O trabalho com a leitura nesta etapa ficou mais direcionado aos gêneros quadrinísticos. A primeira experiência aconteceu com as tiras, realizada em quatro aulas pensadas para apresentá-las e conceituá-las. A primeira discussão foi sobre os conhecimentos prévios que os alunos possuíam a respeito das tiras. Embora as respostas variassem, a maioria definia tira como “um tipo de história em quadrinhos”. Após essa discussão, apresentamos uma conceituação de acordo com Ramos (2017), que ressalta que “[...] tira é um formato utilizado para veiculação de histórias em quadrinhos em suportes e mídias impressos e digitais.” (RAMOS, 2017; p. 31), variando de acordo com o molde, o número de andares e vinhetas. Portanto, houve a necessidade de começarmos a apresentar visualmente as tiras para a realização da leitura e interpretação dos sentidos.

Durante a primeira aula, aconteceram também comparações com conceitos trazidos pelos dicionários, mostramos para os alunos que alguns daqueles verbetes estavam desatualizadas. O foco da aula foi a tira cômica, porém, também comentamos sobre tiras livres, de homenagem e seriadas. Para podermos trabalhar com as cômicas, precisamos explicar o esquema da construção do humor desse gênero, que funciona, primeiro, com a apresentação de

uma situação, depois com uma construção de expectativa para ser rompida com um desfecho inesperado e assim causar o efeito cômico e humorístico (RAMOS, 2017). Isso fica mais nítido ao observarmos a tira a seguir:

Figura 1 — Primeira tira utilizada na aula.



Fonte: Beck (2013, p. 65).

A partir dessa e de outras tiras, também discutimos os conceitos de balões, espaço-tempo, expressões faciais, vinhetas, personagens, formato (internet/jornal) e ordem de leitura. Explicamos que o balão de fala nem sempre terá o formato de balão, nessa tira do Armandinho, o que vemos é um balão-zero, ou seja, “[...] quando não há contorno do balão [...]” (RAMOS, 2018; p. 39).

A tira do Armandinho foi escolhida como a primeira a ser lida na aula, porque traz a questão desse gênero estar veiculado no jornal impresso. Nela, podemos perceber que a primeira vinheta tem a situação inicial, depois a mãe de Armandinho comenta que um leitor do jornal irá nomeá-lo – até então, ele não tinha nome – e, por fim, na última vinheta, há a surpresa do personagem ao se deparar com ele mesmo em um jornal.

As expressões faciais são muito importantes para entender as ações que ocorrem, já que – nas histórias em quadrinhos – é um modo de transmitir as emoções e sensações dos personagens para o leitor. Os alunos identificaram com facilidade a expressão de espanto demonstrada pelo Armandinho na última vinheta da tira. O tempo-espaço, nessa tira feita por Alexandre Beck, foi explicado por meio do jornal que aparece na segunda vinheta na mão da mãe e na terceira vinheta na mão do Armandinho. Não tem a ilustração dessa passagem do jornal de uma mão para outra, entretanto, os alunos entenderam que essa ação aconteceu mesmo sem o desenho dessa cena.

Tivemos duas aulas para realizar a avaliação do conteúdo. Aproveitamos que eles estavam estudando verbos e utilizamos esses conhecimentos morfológicos para aprimorar a leitura. A avaliação era objetiva e aconteceu oralmente e por escrito – no chat do *Google Meet* –, enquanto eu apresentava e lia com eles, recebia ajuda para saber o que eles escreviam no chat. A tira principal da avaliação também era do Armandinho, primeiro pedimos para observarem e lerem a tira para depois responderem as quatro questões objetivas.

Figura 2 — Tira usada na avaliação.



Fonte: <https://tirasarmandinho.tumblr.com/>.

A primeira questão pedia para eles identificarem qual o gênero dessa tira. Eles conseguiram identificar a construção do humor e logo apontaram a resposta correta “tira cômica”. A segunda questão era de interpretação, com a pergunta “qual o acontecimento central da tira?”. A resposta para essa questão acabou variando entre eles, porém logo chegaram a um consenso e escolheram “Armandinho tenta consolar o pai desempregado falando que ele não está só”.

A terceira questão visou o entendimento sobre o diálogo verbal e a identificação dos verbos, devendo apontar quais os verbos presentes na tira. Uma questão considerada fácil por eles. Depois disso, na última questão, visto que já tinham entendido que se tratava de uma tira cômica e que nela há humor, os alunos deveriam localizar e apontar onde estava o efeito de humor. Essa também foi considerada uma questão simples, não tiveram dúvidas e logo apontaram “a resposta que Armandinho deu para o pai”.

Após os alunos conhecerem o gênero textual “notícia”, por meio das aulas da professora regente, eles puderam começar a conhecer outros gêneros da esfera jornalística – charge e cartum – que também são comuns na internet. Logo no início dessa aula, fizemos a pergunta “O que é ‘texto’ para você?” e obtivemos respostas diversas, como: “são frases com mais de três linhas”, “texto me lembra copiar coisas” etc. Não fizemos nenhum tipo de correção

enquanto eles comentavam, apenas ouvimos, observamos e depois seguimos para conceituação de charge e cartum.

Começamos com charge, justamente, porque os alunos já estavam familiarizados com o gênero notícia. A professora regente deu a ideia de mostrarmos como é organizado o espaço de uma notícia e uma charge em um jornal impresso, já que os alunos possuem mais acesso a esses materiais de forma online. Também conceituamos o termo “caricatura” para eles entenderem um pouco melhor os traços de pessoas públicas desenhadas em charges.

Durante as aulas de charge e cartum, íamos construindo de forma conjunta com os alunos uma tabelinha com características de ambos os gêneros, eles mesmos iam percebendo as particularidades e falavam para colocarmos alguns termos na tabela. Isso, para que, nas aulas futuras, de aprofundamento, eles pudessem tê-la como material de consulta. O resultado ficou assim:

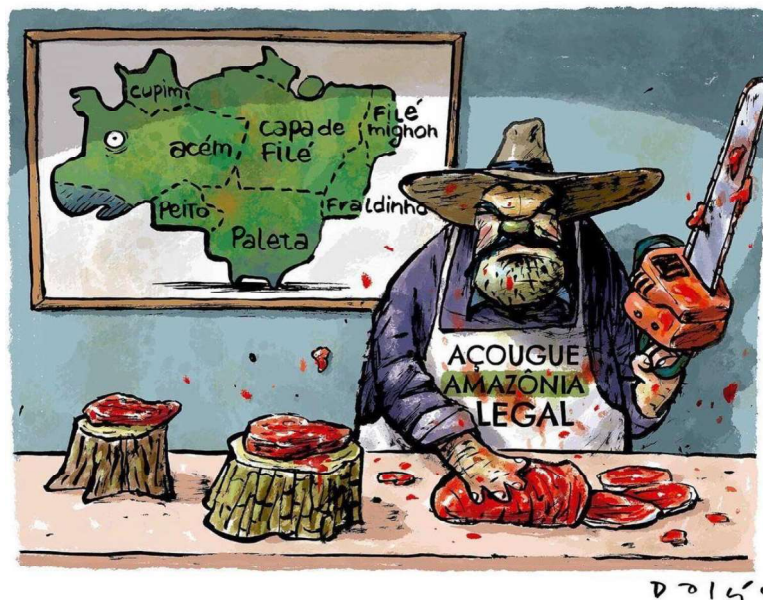
Figura 3 — Tabela utilizada para fazer anotações sobre as características de charge e cartum.

CHARGE	CARTUM
<ul style="list-style-type: none">• Características:• Necessita de contexto.• Criada a partir de um fato da atualidade (relação com notícia).• Termo francês.• Temporal.• Combativa e ideológica.• Crítica política (políticos como caricatura).• Podem ter balões e onomatopeias.	<ul style="list-style-type: none">• Características:• Humor universal e de conhecimento geral.• É sobre acontecimentos do cotidiano.• Vem do termo inglês “cartoon” (papel cartão).• Onomatopeias.• Podem ter quadrinhos com o mesmo personagem.• Diálogo – balões de fala.

Molde: PowerPoint do site: <https://slidesgo.com/pt/>.

A charge principal estava vinculada a algumas notícias que levamos para contextualizá-los, o assunto abordado era o desmatamento causado pela expansão agropecuária em espaços de vegetação.

Figura 4 — Charge do cartunista, caricaturista, autor e ilustrador de livros para crianças e compositor Dalcio Machado.

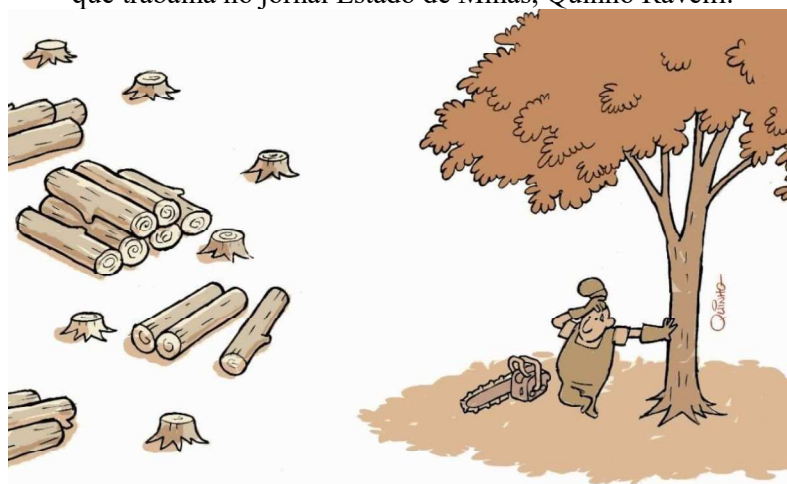


Fonte: <https://www.instagram.com/p/CGGtZKVnc3V/>.

Foi necessário apresentarmos uma imagem com marcações de cortes da carne bovina, além de um mapa e conceitos sobre “Amazônia Legal”. Após a contextualização com as notícias, logo os alunos começaram a atribuir sentidos à leitura da charge e começaram a entender os porquês dos elementos visuais como: motosserra; tocos de arvores, chapéu, carnes, avental, quadro dos estados pertencentes à Amazônia Legal etc.

Apresentamos um cartum com uma temática semelhante à da charge e das notícias. Todavia, eles já estavam munidos de alguns conceitos e não foi difícil para eles identificarem o porquê daquele texto ser um cartum e não uma charge.

Figura 4 — Cartum do cartunista, quadrinista e ilustrador, que trabalha no jornal Estado de Minas, Quinho Ravelli.



Fonte: <https://www.instagram.com/p/CPwAY5eNzSG/>.

Os alunos, ao observarem o cartum, entenderam os sentidos mesmo sem uma contextualização, porque todos os elementos necessários estavam contidos ali. Não havia a necessidade de trazermos notícias ou outras pesquisas extras como fizemos com a charge. Além disso, pedimos para eles observarem uma característica mais atemporal do cartum, por exemplo, uma pessoa descontextualizada, mesmo que 10 anos no futuro ou há 10 anos no passado, entenderia que, após o personagem cortar as árvores ali presentes, ele foi buscar uma sombra, para descansar, embaixo de uma árvore. Questões como hipocrisia e contradição são presentes nesse cartum. No final dessa aula, perguntamos novamente “o que é ‘texto’ para você?”, só que dessa vez obtivemos respostas diferentes, alunos usaram charges e cartuns para exemplificar o conceito.

6. Conclusão

Não foi possível, aqui, apresentar tudo que foi presenciado ou que aconteceu durante o Estágio Curricular Obrigatório, entretanto, houve uma seleção de experiências importantes para serem compartilhadas. A partir dessas experiências, pode-se notar que o trabalho com a leitura no contexto escolar é um processo de constante evolução e aprendizado.

Não há como definir um caminho certo ou errado, é algo que está mais ligado às experiências subjetivas, havendo ideias que funcionam como o esperado e outras que nem tanto.

Todavia, tudo é experiência, tudo colabora de alguma forma e todo esse processo agrega muito. O estágio é, sem dúvidas, uma etapa de extrema importância na carreira do graduando de uma licenciatura. A prática do estágio é simplesmente indispensável.

Referências:

BECK, Alexandre. **Armandinho zero**. Florianópolis, SC: A. C. Beck, 2013.

CUNHA, Leonardo Ferreira Farias da; SILVA, Alcineia de Souza; SILVA, Aurênio Pereira da. O ensino remoto no Brasil em tempos de pandemia: diálogos acerca da qualidade e do direito e acesso à educação. **Revista Com Censo**: Estudos Educacionais do Distrito Federal, Brasília, v. 7, n. 3, p. 27-37, ago. 2020. Disponível em: <http://www.periodicos.se.df.gov.br/index.php/comcenso/article/view/924>. Acesso em: 03 maio 2021.

FREIRE, Paulo, 1921-1997. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 51. Ed. São Paulo: Cortez, 2011.

PENNAC, Daniel. **Como um romance**. Tradução de Leny Werneck. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

RAMOS, Paulo. **A leitura dos quadrinhos**. 2º Ed. São Paulo: Contexto, 2018.

RAMOS, Paulo. **Tiras no ensino**. São Paulo: Parábola Editorial, 2017.

SPALDING, Marcelo. O Movimento Literatura Digital e a literatura digital produzida no Brasil. In: BURLAMAQUE, Fabiane Verardi; RETTENMAIER, Miguel (Orgs.). **Novas leituras do mundo**: a literatura na ecologia das mídias. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2016. p. 79.